

---

## Forais da Leitura Nova na Região do Alentejo

JOÃO RUAS

Bibliotecário — Arquivista

**D**OM Manuel I concedeu forais a todas as cidades e vilas do seu tempo. São documentos que têm uma vida própria, desde a sua feitura na Chancelaria Real até chegarem às respectivas Câmaras. Veremos depois o que lhes sucedeu desde que foram apresentados às populações em sessão camarária.

Como se sabe, eram feitas três cópias destes códices, em que uma ia para a Torre do Tombo; outra para o donatário da vila e uma última era enviada para a respectiva edilidade. Este exemplar continha o registo, na última página do texto, para onde era destinado. Vamos, por isso, tentar compreender o que sucedeu com os forais que ainda hoje existem nesta região.

Das mãos do copista, os cadernos em pergaminho seguiam para o iluminador, tal como se pode verificar em alguns casos, em que a data inscrita nas esferas armilares é muito diferente da que figura no final do texto. São exemplos disso os de Portel, Castro Verde, Casével e Odemira, todos de 1510 e a data nas esferas é de 1512. Aliás, este ano é muito fértil na produção destas espécies, pois só para o Alentejo foram feitos cerca de quarenta, dos quais hoje podemos ver catorze.

A comparação entre os concelhos da época e os actuais, não nos diz muito, porque devido a reformas administrativas, existem hoje concelhos que congregam vários de então. Por outro lado, surgiram concelhos de criação mais recente: Reguengos no século passado ou Vendas Novas, já na segunda metade do nosso século.

No entanto, é possível estabelecer outras ligações entre estas espécies e assim, na iluminura existem dois tipos principais, excluindo o de Évora

porque tem um desenho da cidade. Esses tipos referem-se aos símbolos e, às tarjas ou frisos envolventes.

O mais simples é também o mais diminuto e consiste na capital «D» floreada ou com as armas reais no seu interior e as tarjas envolventes da página com pequenas flores azuis e vermelhas. Aqui, o foral do Redondo é uma exceção, pois além das flores, tem um morango desenhado num dos cantos.

O outro tipo caracteriza-se por ter também a página dividida em duas metades, sendo a superior ocupada pelas armas reais ao centro, ladeadas por duas esferas armilares. A metade inferior tem o início do texto rodeado por tarjas floridas. Distinguem-se aqui os iluminadores, porque as tarjas podem ser feitas com pequenas flores azuis, vermelhas, por vezes verdes ou até douradas. Podem ainda ser feitas com cravos brancos e malmequeres, de grandes dimensões. Neste caso, existem por vezes desenhos de animais, *e. g.*, como em Vila Viçosa, uma borboleta (conforme a reprodução da primeira página)<sup>1</sup> ou um mocho, *e. g.*, como em Castelo de Vide. Tratam-se de forais saídos de uma mão muito mais perfeita e formam o conjunto mais numeroso, sendo as iluminuras executadas nesse ano de 1512, muito embora haja coexistência dos iluminadores. O que torna estas espécies de um valor inegável, para além do pergaminho e da regularidade da escrita, são sem dúvida as cores que permanecem bem vivas.

Outro aspecto muito peculiar dos forais é a encadernação e podemos admitir que em Lisboa nesse início de século funcionavam boas oficinas, pois as espécies que se conservaram em boas condições, seguramente que estão prontas para durar outro tanto. Isto devido não só à robustez dos materiais como à apurada execução técnica.

A importância dos concelhos ditava o tipo de iluminura ou seja, desde a capital «D» floreada até ao desenho da cidade com as fortificações e o casario. Assim da decoração das encadernações, isto é, desde os brochos simples em cada canto e um ao centro, até se aplicarem as armas reais em cobre ao centro das pastas e quatro esferas armilares, também em metal, nos cantos de ambas as pastas. Além dos brochos ou das armas, tem fechados à frente, que nem sempre se conservaram inteiros. As pastas eram gravadas a frio, *i. e.*, sem dourados e permitem ver a regularidade dos motivos ondeados e geométricos, mais uma prova do rigoroso trabalho técnico.

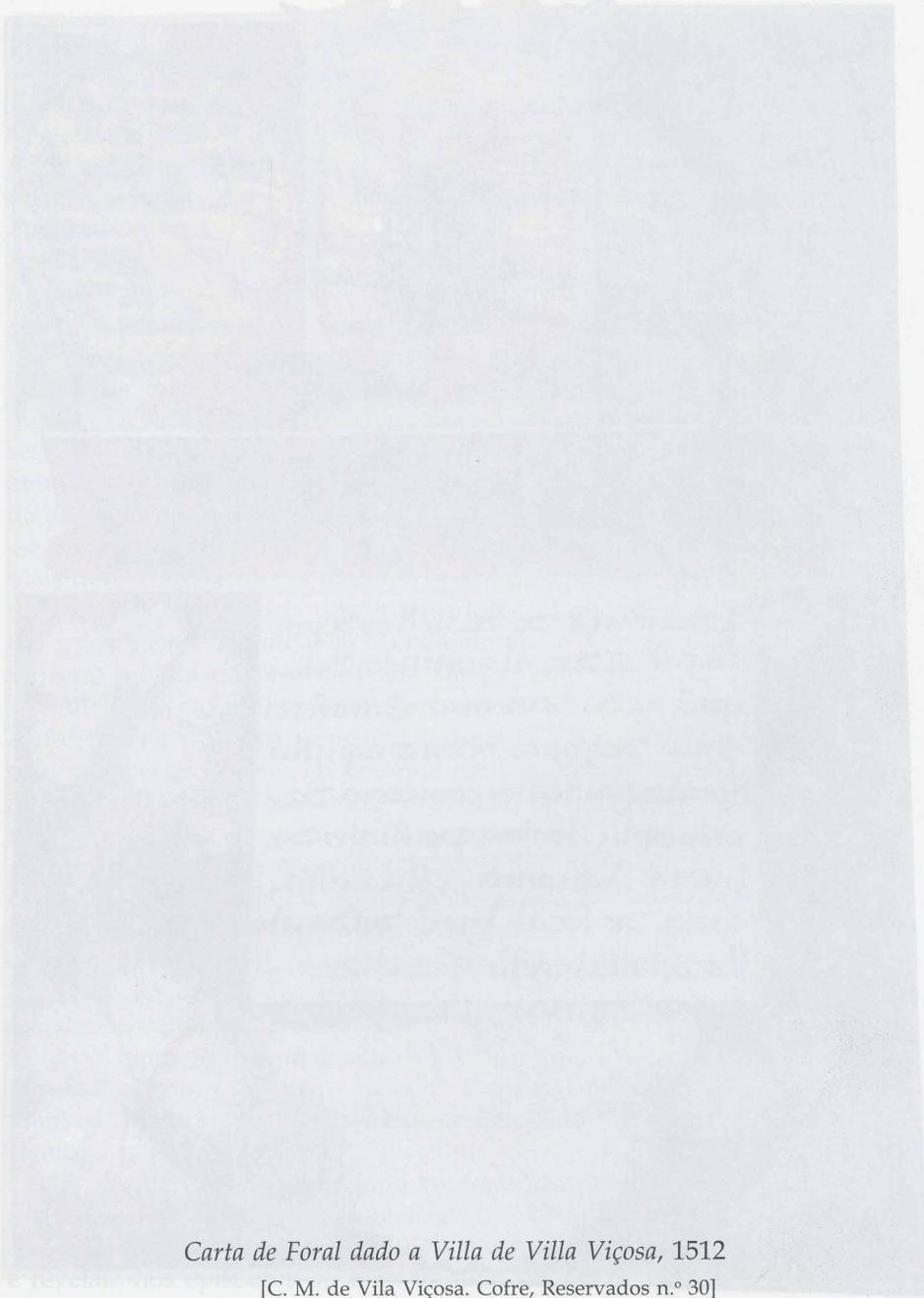
As encadernações permitiram proteger os cadernos e os textos, mas nada pôde deter o desaparecimento de dezenas de forais que foram enviados para toda a região. Todavia, alguns regressaram ao seu local de direito e revelam-nos episódios do mais variado colorido.



DOM. NATIVEL

Por graça de deos Rey de por  
 tugal E deos algarves da  
 que se da leu mar E nafrica  
 Sñoz de guine e da conquista  
 e navegaçã e comercio de  
 ethiopia Arabia perssia e da  
 India Aquantos esta nossa  
 carta de foral vire dado na  
 lla de villavieosa fazemos





*Carta de Foral dado a Villa de Villa Viçosa, 1512*  
[C. M. de Vila Viçosa. Cofre, Reservados n.º 30]

Sabe-se de um foral, que formava um maço com outros documentos, para altear o assento de uma secretária, onde trabalhava uma zelosa funcionária. Sabe-se de quem guardava um foral, num armário de papelada velha, sem saber o que ali estava. Naturalmente que estes dois casos já foram solucionados, mas podemos referir dois outros casos que deixaram registo da sua vida.

Pode ler-se em Monsaraz, numa nota manuscrita, o que lhe sucedeu desde 1927. Nesse ano, o foral da vila foi comprado a um particular pelo Presidente da Câmara de Reguengos. O códice estava em Évora, na rua de Avis e custou 1500\$00. Quantia avultada para a época; a quanto poderia corresponder agora?

Mais tarde, em 1949, o Presidente da Câmara de Reguengos, que era filho do anteriormente citado, decidiu oferecê-lo ao Museu de Arte Sacra de Monsaraz e assim se pôde voltar a vê-lo.

Um outro caso, bem curioso, é o de Almodôvar, que viajou até ao Barreiro e de lá regressou por um acaso feliz.

Nos finais do século passado alguém resolveu levar o foral, junto com outra documentação e alguns livros. Tudo isto foi deixado ou perdido, dentro de um caixote na Estação de Sul e Sueste. A sorte bafejou então este exemplar, pois o caixote foi arrematado e chegou às mãos do então Presidente da Câmara do Barreiro.

Conforme se pode ler na carta aqui publicada e que se encontra colada na contracapa da pasta posterior, o foral voltou pelo correio, para o local onde pertence.

Resta-nos interrogarmo-nos sobre o que teria sucedido a todos os outros que desapareceram, e que, como se sabe, são em grande número.

## Nota

<sup>1</sup> *Forais de Vila Viçosa*. Coord., introd. e notas de Manuel Inácio Pestana. Vila Viçosa: Câmara Municipal, 1993.

O autor já publicara também em 1988 o foral medieval do Crato e além disso tem desenvolvido um trabalho ímpar nos domínios do ensino, dos arquivos e da investigação histórica, referentes à região do Alentejo. Segundo se sabe, este é o único foral manuelino publicado em *fac-simile*, numa edição completa.

Recolhem-se a seguir — com uma simples articulação cronológica — os retalhos dispersos que encontramos dessas impressões dos viajantes

Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Snr.

Foi arrematado nos armazens d'esta estação um caixote com livros, que um passageiro qualquer perdeu em transitio no caminho de ferro do Sul e Sueste.

Entre livros de litteratura latina, publicas formas, termos de fiança, reconhecimento de assignaturas, auto de contas e outros documentos datados de 1850 a 1867 nos quaes sobresahe a assignatura de José da Silva Contreiras, escrivão da administração — foi encontrado o foral da villa d'Almodovar.

Como o foral d'esta Villa, que foi dado por D. Manuel desapareceu do archivo d'esta camara a que tenho a honra de presidir, bem posso avaliar a satisfação que a Camara a que V. Ex.<sup>a</sup> dignamente preside poderá sentir com a restituição d'este precioso documento.

Pelo mesmo correio o envio a V. Ex.<sup>a</sup> pedindo o obséquio de me accusar a sua recepção.

Com toda a consideração e respeito tenho a honra de me subscrever.

Barreiro, c/V. E.<sup>a</sup> 22/12/90

De V. Ex.<sup>a</sup>

m.<sup>to</sup> att.<sup>o</sup> V.<sup>or</sup>

José Pedro da Costa

Nota